

Recebido em 11/05/2023 e aprovado em 14/10/2023

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E PROPAGANDA DE GUERRA: A INFLUÊNCIA DOS MANGÁS JAPONESES SOBRE OS MANHWAS NORTE-COREANOS

Felipe Vidal Benvenuto Alberto¹

Resumo: Este trabalho busca correlacionar os quadrinhos na Coreia do Norte com o contexto sociopolítico em que o país está historicamente inserido. Para tal, é adotada como ponto de partida uma pretensa existência de relação causal entre os numerosos materiais de propaganda de guerra em quadrinhos pelo Japão e a perpetuação de tal mídia para o mesmo fim na porção norte da península coreana, uma vez que parte da política de governo local consiste na narrativa da iminência de um conflito com seus grandes inimigos globais. Metodologicamente, utilizamos de fontes documentais, consistindo essencialmente de histórias em quadrinhos norte-coreanas produzidas nas últimas três décadas, que possibilitam interpretações relevantes ao tema recortado, contextualizando a formação daquele país como influenciada por deletéria ocupação militar japonesa, e inserir as complexidades do sistema internacional vigente no contexto de manutenção do regime local, pontos estes que ajudam a compreender e a caracterizar os *manhwas* norte-coreanos como insumos culturais detentores de riquíssimo poder de coesão social voltados para todas as faixas etárias, a exemplo do que ocorre em mercados mais abertos e aquecidos.

Palavras-chave: *Manhwa*. Coreia do Norte. *Juche*. Histórias em Quadrinhos. Narrativas de Guerra.

COMICS AND WAR PROPAGANDA: THE INFLUENCE OF JAPANESE MANGA ON NORTH KOREAN MANHWA

Abstract: This paper aims to correlate comics in North Korea with the sociopolitical context in which the country is historically embedded. To do so, we start from the premise of a presumed causal relationship between the numerous war propaganda materials in comics from Japan and the perpetuation of such media for the same purpose in the northern portion of the Korean Peninsula, given that part of the local government's policy consists of narrating the imminence of a conflict with its major global enemies. Methodologically, we employ documentary sources, essentially consisting of North Korean comics produced in the last three decades, which allow relevant interpretations of the selected theme, contextualizing the formation of that country as influenced by the deleterious Japanese military occupation. By incorporating the complexities of the current international system into the

context of maintaining the local regime, it becomes possible to better understand and characterize North Korean manhwas as cultural inputs that possess a rich power of social cohesion targeting all age groups, similar to what occurs in more open and vibrant markets.

Keywords: Manhwa. North Korea. *Juche*. Comics. War Narratives.

Introdução

Dado seu caráter *sui generis* no cenário global, a Coreia do Norte sempre permeia noticiários e até mesmo ambientes acadêmicos com algum grau de exotismo associado ao que advém desse território. No entanto, apesar das dificuldades recorrentes no recolhimento e certificação de informações sobre o funcionamento interno do país ser um fator que alimenta esse discurso, é bastante razoável que seja questionada essa descrição caricata de toda uma nação.

Sob o espectro das histórias em quadrinhos em si, é ponto comum que toda expressão artístico-cultural possui também caráter político, seja ele explícito ou não. Bem como super-heróis estadunidenses se proliferaram aos montes a fim de propagar os valores culturais locais para todos aqueles que consumissem o material (MARQUES, 2018), há também muito o que aprender da cultura norte-coreana através das produções nacionais, em especial por ser um país que não tem por hábito a exportação de sua própria indústria cultural.

Este trabalho tem por objetivo analisar o *manhwa*² norte-coreano sob a ótica da influência sofrida pelo mesmo no período da ocupação japonesa e perpetuação da rivalidade regional, gerando consequências em todos os aspectos do cotidiano do país. De maneira adjacente ao objetivo principal, o próprio ato de trazer à tona obras advindas da porção norte da península coreana já possui elementos agregadores ao estudo de quadrinhos asiáticos como um todo, uma vez que eles são frequentemente negligenciados devido ao caráter fechado de sua política governamental. Por fim, objetiva-se também, através das obras estudadas, extrair elementos da cultura local que

possam corroborar, ou não, com o que é usualmente propagado como senso comum acerca de um país com tanto ainda por ser explorado.

Até pouco tempo restritos exclusivamente ao consumo do público local, uma vez que jornalistas e turistas que estiveram em território norte-coreano relatam forte impossibilidade de acesso a materiais culturais pertencentes ao cotidiano do país, os *manhwas* da porção norte da península passaram a ver a luz do dia através dos inevitáveis intercâmbios culturais com a China. Vizinha ao norte e principal parceira política do fechado país asiático, a China e sua efervescência comercial não pouparam nem mesmo itens como as histórias em quadrinhos, que hoje podem ser encontradas com certa facilidade em cidades fronteiriças com a Coreia do Norte.

Iniciando-se dessa maneira, mas alcançando uma oficialização de exportação cultural, ainda que distante de um interesse comercial, a Coreia do Norte tem passado a disponibilizar suas produções de maneira menos sigilosa. Sinal disso é o extenso acervo disponibilizado *online* pela biblioteca da *Illinois University*, nos Estados Unidos. Bebendo dessas fontes disponíveis ao público geral, foram selecionadas obras que, através de análise imagética, ilustram significativamente as influências visuais e temáticas das produções japonesas aos *manhwas* norte-coreanos.

Para problematizar a utilização dos quadrinhos norte-coreanos como propaganda política da ideologia *Juche*, instaurada no país asiático desde a separação da península coreana, em comparação aos mangás japoneses igualmente propagandistas em tempos de belicismo a florado, este trabalho se divide em três seções principais, cuja descrição tomamos como importante: 1) os mangás militaristas japoneses e sua influência regional; 2) a organização político-governamental norte-coreana e o contexto de inserção internacional do país; e 3) uma análise do grau de diversificação de gênero na produção de *manhwas* na Coreia do Norte.

1. A proliferação de mangás japoneses com temática militar e as influências dessa indústria na produção do extremo asiático

Em consonância com o espírito expansionista e imperialista que ditou o ritmo das políticas japonesas no início do século XX, as histórias em quadrinhos por lá produzidas no período também dialogavam intensamente com essa temática (CHINEN, 2013). No entanto, a influência da ideologia propagada por esses materiais não ficaria restrita ao território japonês, especialmente nos âmbitos estético e narrativo. Tanto a China quanto a península da Coreia tiveram parte — ou integralidade — de seus territórios ocupados pelo Exército Imperial Japonês em algum momento histórico e os efeitos dessa sobreposição cultural iriam além do caráter militar.

1.1. A participação do Japão na Primeira Grande Guerra e o papel da produção cultural na mobilização social

Ainda sob a entidade política de Império do Japão, o pequeno país asiático assumiu um importante papel no belicoso período de 1914 a 1918, que futuramente ficaria conhecido como Primeira Guerra Mundial. Aliados com a Tríplice Entente — formada por Reino Unido, França e Rússia —, os militares japoneses ambicionavam, à época, expandir positivamente a visão do mundo ocidental frente à sua potencialidade de liderança no âmbito da Ásia (MASON; CAIGER, 1997). Essa postura em muito se alinhava ao comportamento expansionista que já ditava o ritmo da política externa japonesa em seu entorno estratégico. Exemplificativamente, o fim do século anterior havia sido marcado pela Primeira Guerra Sino-Japonesa, quando o Japão conquistou parte da atual República Popular da China e mostrou suas credenciais imperialistas aos seus futuros aliados europeus. Como fenômeno paralelo, mas extremamente relevante à análise aqui proposta, esse conflito também deu início a uma ocupação embrionária da península coreana (UNZER, 2021), que viria a se consolidar apenas em 1910.

De acordo com Alfons Moliné (2004), a pedra fundamental dos mangás mais aceita por aqueles que se dedicam ao estudo da área é o material produzido por Kitazawa Rakuten em 1901, quando teria sido publicada a primeira história em quadrinhos japonesa com personagens fixos. A primeira década do século XX logo se tornou prolífica para tiras de humor que replicavam autores estrangeiros — especificamente estadunidenses e europeus —, consistindo apenas em uma simples troca de personagens e cenários, mas até com reaproveitamento de roteiros inteiros. Esse formato de piadas rápidas e diárias logo se somaria às primeiras produções periódicas voltadas para o entretenimento do público infantil (GRAVETT, 2006). No entanto, não tardaria para que a inocência daquelas obras fosse cooptada pelo sentimento militarista que tomava o país no período entreguerras.

Figuras 1 e 2 - Da esquerda para a direita: pôster de divulgação da série em mangá *Norakuro*, de Suihō Tagawa; e capa do primeiro volume da série, publicada originalmente pela editora Kōdansha³.



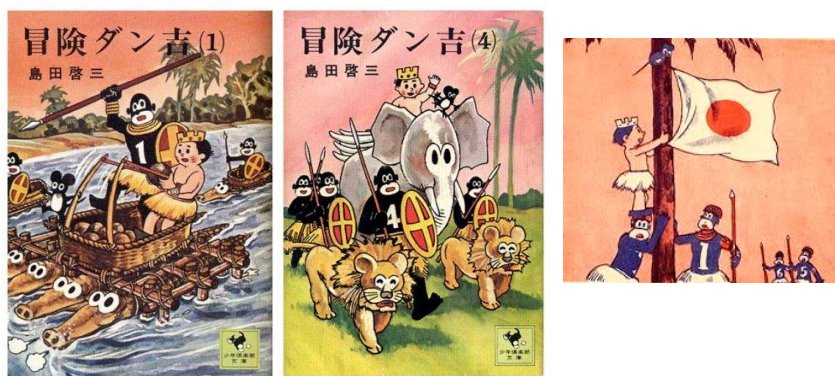
Fonte: Imagens retiradas da página *Wikimedia Commons*.

Antes mesmo do fim da década de 30, autores como Suihō Tagawa passaram a produzir histórias de grande sucesso onde a exaltação ao heroísmo no campo de batalha era uma ferramenta de roteiro recorrente (GRAVETT, 2006). Um dos casos mais emblemáticos está no personagem *Norakuro*⁴, conforme ilustrado nas figuras 1 e 2, que se tornou um ícone de inspiração ao sucesso nas trincheiras e mascote do militarismo. Suas histórias, que haviam começado permeadas de elementos de humor ambientados em

um quartel, passaram a simbolizar bravura e perseverança no sonho de elevar sua patente, chegando a culminar, ainda segundo Paul Gravett (2006), em luxuosas publicações de capa dura e mais de um milhão de exemplares vendidos.

Poucos anos depois, em 1933, surgiria outro exemplo de mangá que dialogava diretamente com a realidade vivida pelo país à época. Ainda que não fosse exatamente voltado para a temática de guerra, *Bōken Dankichi*⁵, de Keizo Shimada, mostrava um garoto japonês que ao chegar a uma ilha tropical se transforma no rei dos nativos (MOLINÉ, 2004). Diretamente relacionado com a visão expansionista que imperava à época, a obra era largamente preenchida por estereótipos racistas e pela construção de uma pretensa superioridade japonesa perante o estrangeiro, ainda que o público-alvo fosse infantil (DO ESPÍRITO SANTO, 2016). Como pode ser conferido nas figuras 3, 4 e 5, os nativos dessa terra desconhecida foram representados pelo autor através de traços faciais exagerados, tom de pele totalmente preto e suas identificações se davam por numerais pintados em seus abdômes, além dos hábitos primitivos e selvagens atribuídos aos mesmos.

Figuras 3, 4 e 5 - Da esquerda para a direita: capas dos volumes 1 e 4 da série em mangá *Bōken Dankichi*, de Keizo Shimada, publicadas originalmente pela editora Kōdansha; e página interna onde protagonista hasteia bandeira japonesa utilizando nativos como suporte para seus pés.



Fonte: Imagens retiradas do Twitter; da página *Supekuri Shop*; e da página *Gendai no Riron*, respectivamente.

Em suma, o que sucedeu o período de histórias infanto-juvenis foi a incorporação de temas que retratavam as situações de conflito nas quais o Japão se via envolvido. Mudanças radicais na produção de mangás puderam ser percebidas à época, passando até mesmo pela escassez de papel e consequente diminuição de obras com centenas de páginas para cerca de 32 (POWER, 2009). Nesse contexto, surgem as produções exclusivamente vinculadas às demandas de guerra, enfocadas na instrução de crianças acerca da importância na defesa dos valores do Império do Japão.

Essa instrumentalização dos mangás não era mais pioneira, mas dessa vez demonstrou um poder de mobilização social muito mais acentuado do que se poderia imaginar. A Segunda Guerra Mundial também iria gerar um efeito segregador no universo dos *mangakás*, os quais se dividiram entre aqueles que pararam de produzir, em negativa a servir ao governo, aqueles que passaram a utilizar seus mangás para levar adiante o discurso militar imperial e, ainda, aqueles que criticavam essa prática assumindo papel de subversivos (BRAGA JR., 2020).

1.2. A presença de temas políticos em mangás do pós-Segunda Guerra Mundial

Exercendo novamente alto grau de protagonismo na Segunda Grande Guerra, o Japão pertenceu dessa vez ao Eixo, grupo formado também por Alemanha e Itália através da assinatura do Pacto Tripartite em 1940. Todavia, sua participação no conflito não começou exatamente nessa data, pois ainda nos primeiros anos do século XX foi travada a Guerra Russo-Japonesa, na qual os asiáticos buscavam neutralizar a influência inimiga nos territórios da península da Coreia e da Manchúria, no nordeste chinês. A vitória nipônica exaltou as narrativas nacionalistas e passou a alimentar a histórica rivalidade com os EUA, o que poucas décadas depois culminaria no ataque do exército

do imperador Hirohito à base militar de Pearl Harbor e decretaria a entrada das tropas estadunidenses na Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995).

Na impossibilidade de detalhar todo o processo de tensionamento crescente durante o período de guerra aberta, vale ressaltar que o isolamento japonês na região foi tamanho que até hoje o país compartilha rivalidades extremamente relevantes com a China e ambas as Coreias, além de ter se rendido oficialmente apenas após os ataques nucleares de Hiroshima e Nagasaki. O acontecimento traumático, em somatório aos gastos militares e à fragilização das lideranças governamentais, desenhou um cenário de terra arrasada, mesmo no âmbito das produções culturais de massa que, conforme descrito anteriormente, à essa altura já estavam altamente contaminadas pelo espírito belicoso (PEIXOTO, 2021). Osamu Tezuka seria a figura responsável, alguns anos depois e em processo que durou décadas, por revolucionar a maneira de se expressar através daquela forma de arte.

Tezuka revolucionará o mercado de diversas formas. Primeiro, pelos temas. Fugindo do trauma da guerra, suas histórias versarão sobre temas de aventura, fantasia e ficção científica. Não à toa, temas que reinaram nas produções de quadrinhos estadunidenses e produções da TV e do cinema que circulam no período de ocupação norte-americana no pós-guerra. Depois, pela maneira de desenhar. (BRAGA JR., 2020)

Todos esses feitos se dariam para além de alcançar enorme reconhecimento internacional futuro, que dialogaria diretamente com a otimização da indústria de mangás para um mundo crescentemente capitalista e globalizado (KOYAMA-RICHARD, 2022), ao contrário do que a fechada Coreia do Norte proporia como modelo para os seus *manhwas*.

2. A eterna iminência da guerra norte-coreana e a repetida instrumentalização das histórias em quadrinhos

A fim de correlacionar as duas produções culturais que protagonizam este trabalho, é razoável que seja adotada, como ponto de partida, a existência da relação causal entre os numerosos materiais de propaganda de guerra em quadrinhos pelo Japão e a perpetuação de tal mídia para o

mesmo fim na Coreia do Norte. Outro aspecto a ser relevado como hipótese de trabalho é a de que, apesar de tímida, a indústria de produção de histórias em quadrinhos norte-coreanas se trata de mais uma das muitas ferramentas de perpetuação da ideologia *Juche*, que determina as regras de convivência no país através da mão forte do governo local.

A supracitada instrumentalização dos *manhwas* norte-coreanos está distante de se mostrar uma novidade nos estudos desta mídia, uma vez que ao redor de todo o mundo existem diversos mitos fundadores de histórias em quadrinhos que usualmente se associam aos ideais culturais das elites locais. A título de exemplo, ainda que não por acaso, é válido lembrar que as produções das *comics* estadunidenses das décadas de 20 e 30, do século XX, eram marcadas por estereótipos do que futuramente seria mais bem interpretado como ode a uma suposta superioridade do homem branco. De acordo com Rogério de Campos (2022), os típicos heróis das revistas *pulp* eram homens perfeitos e imbatíveis, além da paralela proliferação de personagens que dialogavam com o meio militar e funcionavam como propagadores dessa visão de mundo bélica.

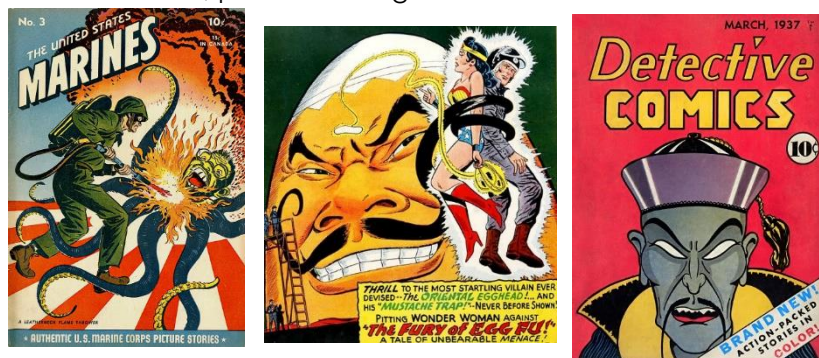
Em certo grau, pode-se dizer que os Estados Unidos da América nunca abandonaram completamente essa abordagem, contando até hoje com famosos arcos de história encabeçados por personagens que remetem àqueles períodos de conflito mundial e, posteriormente, de Guerra Fria entre as duas potências hegemônicas: EUA e URSS.

Exemplos máximos dessa estratégia, outrora governamental, podem ser encontrados com facilidade nas duas maiores editoras de *comics* da atualidade: DC Comics e Marvel Comics. Na primeira, o Superman é apresentado como um ser onipotente, pertencente aos padrões nacionais idealizados de aparência e comportamento, desenvolvido para salvar seu país e utilizando vestimentas que remetem às cores da bandeira estadunidense. Já na segunda, a Marvel Comics, o jovem soldado Steve Rogers é alçado ao posto de Capitão América através de feitos somente

possíveis em um mundo fantástico, mas preencheu por anos o posto do militar ordeiro pronto para seguir as ordens do Estado de maneira inquestionável, chegando a figurar em capas onde interagiu com rivais reais dos EUA (ANDREOTTI, 2021). Como apontam Mazur e Danner (2014), também não são raros os casos de vilões que têm seus traços físicos e de personalidade associados às tipificações características do “inimigo a ser combatido”, ou seja, ora asiáticos, ora russos e ora médio-orientais.

De acordo com o demonstrado pelas figuras 6, 7 e 8, é possível perceber como tanto os materiais de cunho militar produzidos em território estadunidense, os chamados folhetins, quanto as histórias em quadrinhos da época se utilizavam de figuras “vilanizadas”, de pele amarela e com traços exageradamente “cartunescos” a fim de desumanizar aqueles indivíduos provenientes do Extremo Oriente. A figura 7 traz o personagem Egg Fu, que carregava em sua imagem o infame “perigo amarelo” e o vilão que protagoniza a capa ilustrada na figura 8 se trata de um resgate de personagem recorrente nas revistas *pulp*, o Fu Manchu, cujo objetivo era concentrar em uma única figura elementos pejorativos associados à cultura chinesa, com aparência estética distorcida do grupo étnico proveniente da região da Manchúria (SANTOS, 2015).

Figuras 6, 7 e 8 - Da esquerda para a direita: capa de folhetim de propaganda militar estadunidense de 1943; página interna de história em quadrinhos da Mulher Maravilha publicada pela DC Comics em 1965; e capa da primeira edição da revista *Detective Comics*, publicada originalmente no ano de 1937.



Fonte: Imagens retiradas da página *Wikimedia Commons*; da página *Amazon Archives*; e da página *DC Wikia*, respectivamente.

Ainda que boa parte dessas narrativas das *comics* tenham sido atualizadas, seja como resultado de lutas sociais históricas ou por necessidades do mercado capitalista (MOREAU; MACHADO, 2020), o mesmo não se pode dizer em relação às histórias em quadrinhos advindas de um país que convive diariamente com uma política estatal de guerra iminente, como é o caso da Coreia do Norte. Por lá, essa mídia ainda se restringe quase que unicamente ao mesmo fim de suas origens: a propaganda governamental, ainda que essa afirmação habite no campo da análise factual e não ambicione juízo de valor. De acordo com Renato Alves (2018, p. 257), “até mesmo nas instituições de ensino do país se aprende, desde criança, lemas como ‘Sejamos balas humanas para defender o Grande Líder!’”.

A comparação mais direta que cabe ser construída é através do seu vizinho ao sul da península coreana, onde há uma extensa produção dos chamados *webtoons*⁶ — ou *webcomics*, ou ainda *manhwas* sul-coreanos — com capacidade de arrecadação financeira cada vez maior, diversificação temática, intercâmbio cultural com artistas internacionais e alcance de nível global. O apelo mercadológico dessas produções, assim como de outros produtos da cultura pop local, e a abertura econômica do país são apenas alguns dos fatores que justificam esse sucesso comparativo.

A fim de levar o debate para um ambiente mais próximo daquele a ser esmiuçado, é necessário que se recorra às contextualizações históricas das ocupações japonesas na península coreana, da Guerra da Coreia e da filosofia *Juche* na Coreia do Norte moderna, mas também se faz imperativo que os mangás japoneses estejam colocados em seu devido lugar de relevância inspiradora de toda a indústria regional de histórias em quadrinhos, conforme afirma Zwetsloot (2015).

2.1. A ocupação japonesa na península coreana

Discordâncias internas à Coreia, com um dos lados apoiado por japoneses em relação aos rumos que o país deveria tomar, acabaram tendo

seu futuro definido por duas guerras historicamente próximas, com o Japão como coadjuvante: a primeira contra a China (1894-1895) e a segunda contra a Rússia (1904-1905). O ano de 1905 marcou, então, o início da presença japonesa na península coreana, ainda que a anexação oficial viesse apenas em 1910 (MASON, 2017).

Aqueles mesmos japoneses que outrora haviam passado valores de nacionalismo e liberdade aos jovens coreanos, dessa vez, lideravam a opressão imperialista que provocou décadas de humilhações e genocídio, estendendo-se até 1945, ou seja, com o fim da Segunda Guerra Mundial. Casos historicamente marcantes como a proibição do uso da língua coreana, a adoção de sobrenomes japoneses e prática das chamadas “mulheres de conforto”⁷ foram apenas algumas características nefastas desse período.

Essa ocupação em muito se conecta à cultura militarizada e expansionista que tomava conta do Japão e o mesmo se refletiu nas produções culturais da época, que, por consequência, eram também consumidas por coreanos ocupados e soldados japoneses (LUYTEN, 2011). A década de 30, conforme mencionado anteriormente, foi prolífica em produções não só de mangás, mas quadrinhos por todo o mundo, com cunho belicista e contendo personagens que personificavam aquele *zeitgeist* (CALLARI, 2021).

2.2. A interminável Guerra da Coreia e a divisão da península

Nada sobre a política das duas Coreias contemporâneas pode ser compreendido sem esmiuçar os acontecimentos do período que se estende de 1945 até 1953. Esse foi o marco de um terreno ideologicamente fértil para os dois países, de uma guerra catastrófica e de uma reordenação da política internacional no nordeste asiático. Como pode ser visto nas figuras 9 e 10, a narrativa pregada em *manhwas* sobre a história norte-coreana perpassa o antigo período de unidade na península, mas inclui também mitos fundadores

que exaltam os trabalhadores locais e os membros da dinastia Kim (LENT, 2009).

Figuras 9 e 10 - Da direita para a esquerda: capas dos volumes 2 e 4 da série em *manhwa* *History of Korea*⁸ (1999), de Cha Hyeong-sam, Kim Myeong-je, Kim Byeong-ryong e Pak Seung-jeong, publicados originalmente pela *The Association of Choson Publication Exchange*⁹.



Fonte: Capas retiradas de *Mangasia: The Definitive Guide to Asian Comics* (GRAVETT, 2017, p. 138)

As Coreias do Norte e do Sul estão divididas há mais de 70 anos, desde que a península coreana se tornou uma vítima inesperada da escalada de tensões na Guerra Fria entre as duas superpotências da época: União Soviética e Estados Unidos. Durante séculos antes da divisão, a península formava uma única Coreia, governada por gerações de reinos dinásticos (CUMMINGS, 2005). Ocupada pelo Japão após a Guerra Russo-Japonesa, em 1905, e formalmente anexada cinco anos mais tarde, como citado anteriormente, a península coreana ficou presa sob o domínio colonial japonês por 35 anos — até o final da Segunda Guerra Mundial —, quando foi dado início à divisão em duas nações (YOO, 2020).

Em agosto de 1945, URSS e EUA dividiram o controle sobre a península coreana, uma vez que pertenciam ao mesmo lado das trincheiras e saíram vitoriosos do conflito. Nos três anos seguintes, o Exército Vermelho e seus subordinados estabeleceram um regime comunista no território ao norte da latitude 38° N, marcadamente chamado de Paralelo 38. Ao Sul dessa mesma linha, foi formado um governo militar apoiado diretamente pelos Estados Unidos (CUMMINGS, 2003).

A Guerra da Coreia, que durou de 1950 a 1953, matou pelo menos 2,5 milhões de pessoas e pouco fez para resolver a questão de qual regime representaria a "verdadeira" Coreia. No entanto, ela serviu fortemente na construção dos Estados Unidos como um "bode expiatório" permanente na Coreia do Norte, já que os militares americanos bombardearam intensamente vilarejos, vilas e cidades da metade norte da península (CUMMINGS, 2010). Tal sentimento, de um inimigo estrangeiro, que se difere do vizinho ao sul, reflete na produção de *manhwas* norte-coreanos, remetendo à uma cultura compartilhada entre as duas Coreias, sumariamente advinda do período de unidade. Como será mais bem detalhado posteriormente neste trabalho, a culpabilização de atores estrangeiros também seria tema recorrente dos quadrinhos locais.

O armistício de 1953 que encerrou esse conflito armado deixou a península dividida como antes, com uma zona desmilitarizada percorrendo o que se trata aproximadamente do supracitado Paralelo 38. Enquanto as políticas soviéticas eram amplamente populares entre a maior parte da população trabalhadora e rural do Norte, a fatia formada por coreanos de classe média e urbanos fugiu para o sul da península, onde reside hoje a maioria da população etnicamente coreana.

2.3 O SOCIALISMO JUCHE E A GUERRA PERMANENTE

O historiador Bruce Cummings (1997, apud VISENTINI et al., 2015, p. 81-82) define o sistema político norte-coreano da seguinte forma:

[...] com base em sua singularidade histórica, como um regime corporativista neoconfuciano, no qual o papel revolucionário da classe operária, pregado pelo marxismo, teria sido substituído pelo da nação. Conceito derivado na tradição confucionista do papel da família como ideal de comunidade, a nação, portanto é entendida como uma grande família, que deve estar acima de tudo. Essa ênfase justifica a existência de um Estado forte e centralizado, que tenha controle sobre toda a sociedade e a economia.

Somando-se a isso, há um fator bastante *sui generis* na compreensão da política local: o culto à personalidade do líder — sempre na figura do membro da dinastia Kim — dessa sociedade altamente corporativista, porém pretensamente igualitária. Dessa maneira, a mescla entre o marxismo europeu e o confucionismo asiático se consolida no sentido da priorização de um regime sólido, unitário e nacionalista. Outrossim, cabe recordar a fala de Kim Jong-il quando ocorreu o desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ocasião em que explicita a centralidade da ideologia no sistema político norte-coreano ao alegar que a queda da URSS teria vindo em decorrência da falta de doutrinação da juventude (JESUS, 2018).

Figuras 11, 12 e 13 - Da esquerda para a direita: capa do *manhwa* *The Secret of Frequency A*¹⁰ (1994), de Eom Jeong-hui e Ko Im-hong, publicado originalmente pela *Kumsong Youth Publishing Company*¹¹; e duas páginas internas da mesma obra, traduzidas pelo Prof. Dr. Heinz Insu Fenkl¹².



Fonte: Imagens retiradas da página pessoal do Prof. Dr. Heinz Insu Fenkl.

Como pode ser visto nas figuras 11, 12 e 13, as mensagens transmitidas mesmo em obras voltadas ao público infantil são de caráter replicante daquilo que o Partido dos Trabalhadores da Coreia considera um futuro ideal de nação (PETERSEN, 2018). A passagem dos valores defendidos pela filosofia *Juche* às novas gerações se mostra uma condição *sine qua non* para a manutenção do sistema vigente. O último quadro da figura 13 contém uma referência direta a esses preceitos no diálogo entre os personagens: “Esplendido! Vocês combateram bem como jovens coreanos exemplares que

seguem a filosofia *Juche*"¹³ (EOM; KO, 1994, tradução nossa). Tal prática contém elementos claros de replicação da supracitada instrumentalização da mídia dos quadrinhos, não sendo uma exclusividade da Coreia do Norte e nem mesmo pioneirismo da dinastia Kim, mas guardando grande influência das produções japonesas.

É importante notar que esse futuro de nação imaginado pelas lideranças locais passa por uma constante iminência de conflito, uma vez que os EUA e o Japão são considerados rivais a serem derrotados, uma vez que são culpabilizados pela dinastia Kim quanto à separação das Coreias. Em paralelo, a abundante presença estadunidense na porção sul da península, tanto militarmente quanto em influência cultural, torna recorrente a alimentação do ambiente belicoso. Os investimentos militares norte-coreanos representam uma alta porção do PIB do país (SANTORO, 2013), mas suas demonstrações de força não se dão de maneira injustificada, pelo menos segundo a narrativa adotada internamente e reforçada através dos mais diferentes meios culturais e de informação. Conforme ilustrado pelas figuras 14, 15 e 16, ação, guerra e espionagem são temas recorrentes nos *manhwas* norte-coreanos também de forma mais direta, assim como têm sido questões que permeiam a vida política do país desde sua fundação, algo que perpassa obrigatoriamente o cotidiano de sua população, uma vez que se trata de uma nação substancialmente fechada.

Figuras 14, 15 e 16 - Da esquerda para a direita: capa de *Three Days at the 'Area 7'*¹⁴ (1987), de Kim Pyong-taek e Pak Yun-kol; capa do primeiro volume de *The Silent Outpost Line*¹⁹ (2006), de Kim Chol-guk, Kim Song-il e Choe Kun-ho; e capa de *The Identity of the 'White Fox'*¹⁵ (2012), de Chang Chae-gap e Chang Sun-ae. Todos três *manhwas* publicados originalmente pela anteriormente citada *Kumsong Youth Publishing Company*.



Fonte: Capas retiradas do acervo da *Illinois University Library*.

3. As histórias em quadrinhos norte-coreanas e a replicação de signos estéticos belicosos de outrora

Assim como já pôde ser percebido em outras obras destacadas anteriormente neste trabalho, a incipiente indústria norte-coreana de histórias em quadrinhos ainda se utiliza de um padrão estético bastante similar àquelas produzidas no ocidente em meados do século XX. Essa característica não pode ser apontada isoladamente, uma vez que muito do que o país se constitui hoje ainda é remanescente do período de separação da península coreana. Os mais diversos embargos econômicos e barreiras diplomáticas impostas ao longo dos anos pelo sistema internacional ao regime da família Kim tornaram o insulamento cultural e tecnológico uma opção única (HARRIS, 2007). Como simbolizado pelas figuras 17 e 19, mesmo *manhwas* produzidos no escopo do século XXI possuem tipografia e elementos visuais que remetem a um período histórico de passado recente. Essa percepção em muito dialoga com os consistentes relatos de que a sociedade norte-coreana tem seu cotidiano arraigado no passado.

Figuras 17, 18 e 19 - Da esquerda para a direita: capa de *Snowstorm at the Tropical Forest*¹⁶ (2001), de Cho Hak-nae e Yi Chol-kun; capa de *The Legend of Pisasong*¹⁷ (2008), de Song Kwang-myong; e capa de *Emergency Telegram*¹⁸ (1992), de Chang Chae-gap e Chang Sun-ae. Todos três *manhwas* também foram publicados originalmente pela supracitada Kumsong Youth Publishing Company.



Fonte: Capas retiradas do acervo da Illinois University Library.

Já na figura 18, outro aspecto merece destaque: o resgate de elementos e sujeitos míticos da história nacional como personagens de protagonismo mesmo em *manhwas* desenvolvidos para o público infanto-juvenil. Para além da manutenção de uma estética que remete ao mangás japoneses das décadas de 40 e 50, a propagação para a população mais jovem dos feitos desses indivíduos compõe parte importante da construção de um senso de continuidade histórica que é defendido pela política governamental, incluindo a unidade da península coreana.

3.1. A instrumentalização da mídia como uma ferramenta de coesão social em prol de um objetivo em comum

Ao contrário do que possa ter parecido até o presente momento, a propagação da ideologia *Juche* através dos *manhwas* norte-coreanos não se limita aos preceitos de uma sociedade ordeira e subordinada ao seu líder vigente. Outro aspecto bastante relevante observado nessas obras é a perpetuação do ideário de uma eterna preparação para uma guerra iminente. Não seria razoável dissociar completamente esse fator da ordem social pregada, porém, assim como ilustrado nas figuras 20, 21 e 22, essa

mesma ordem só tem uma razão de existir caso esteja centrada na ativa política de defesa — ou ataque preemptivo, segundo a narrativa nacional — do governo norte-coreano.

Figuras 20, 21 e 22 - Da esquerda para a direita: capa do *manhwa* *The Great General Mighty Wing*²⁰ (1994), de Cho Pyong-kwon e Lim Wal-yong, novamente publicado originalmente pela *Kumsong Youth Publishing Company*; e duas páginas internas da mesma obra.



Fonte: Imagens retiradas de *Excerpt from Cho Pyöng-kwön's Great General Mighty Wing*.

Mighty Wing é um dos personagens mais famosos das histórias em quadrinhos locais e possui um significado muito especial nesse intenso diálogo entre a política e a nona arte. Publicada originalmente em 1994, ano da morte de Kim Il-sung — fundador da Coreia do Norte —, e contando com páginas inteiramente coloridas, ao contrário do tradicional papel jornal preto e branco, a obra trata de temas duros como a ocupação japonesa na península, ainda que fosse voltada para atenuar ideologicamente entre crianças os efeitos deletérios da inédita ausência do “Grande Líder” (FENKL, 2008).

Dentro desse mesmo âmbito, outra temática muito explorada pelos *manhwas* infantis do país é o folclore tradicional, que carrega consigo uma série de lições passadas há séculos através de histórias fantasiosas. As figuras 23, 24 e 25 trazem algumas capas de vasta coleção voltada para este fim, publicadas em 2004, e demonstram bem claramente duas características centrais desse material: propagação de ideais tidos como bons costumes pela cultura local; e a manutenção de tradições típicas do período anterior à separação das Coreias, ilustrando o apreço norte-coreano pela reunificação

nos moldes de uma cultura que não mais existe e é propagada ao sul da península.

Figuras 23, 24 e 25 - Da esquerda para a direita: capa de *The Sword and Three Strong Men*²¹ (2004), de Pak Song-nyong; capa de *The Frog Who Used to Not Listen*²² (2004), de Pak Song-nyong, Im Myong-hul e Choe Sung-ok; e capa de *A Boy Who Caught a Thief*²³ (2004), de Pak Song-nyong, Son Myong-hui e Choe Sung-ok. Todos três *manhwas* publicados originalmente na coleção de *Picture Books of Choson Folklores*²⁴.



Fonte: Capas retiradas do acervo da Illinois University Library.

3.2. A perpetuação da narrativa de um grande inimigo estrangeiro através de diversos gêneros dos quadrinhos

Assim como os estereótipos presentes nos primórdios dos *comics* estadunidenses e nos mangás japoneses do período das Grandes Guerras, tal ferramenta também pode ser encontrada em obras norte-coreanas. Uma diferença digna de nota é o fato desse recurso ter sido largamente utilizado por lados beligerantes em conflitos armados (ou não) no início do século XX, enquanto as figuras 26, 27 e 28 são capazes de demonstrar como um *manhwa* publicado originalmente no ano de 2005 ainda se inspira expressivamente nessa estética outrora popular no vizinho Japão.

Figuras 26, 27 e 28 - Da esquerda para a direita: capa do *manhwa* *The Losing "General" and a Mayfly*²⁵ (2005), de Mun Yong-chol e Paek Hak-hun, publicado originalmente pela *Literature and Arts Publishing Company*²⁶; e duas páginas internas da mesma obra, onde George W. Bush figura como personagem.



Fonte: Imagens retiradas da página pessoal do Prof. Dr. Heinz Insu Fenkl.

Seguindo fielmente a narrativa de culpabilização dos Estados Unidos em relação à separação da península, uma vez que a Coreia do Norte não procura rivalizar diretamente com seu vizinho ao sul e adota uma retórica de pertencimento mútuo, o *manhwa* *The Losing "General" and a Mayfly* traz como um de seus personagens o ex-presidente estadunidense George W. Bush. À época da publicação, Bush ainda exercia seu cargo na Casa Branca e ostentava uma relação nada amigável com o governo norte-coreano, liderado por Kim Jong-il (FIFIELD, 2020). As páginas internas, representadas pelas figuras 27 e 28, trazem uma profusão de insultos ao chefe do executivo dos EUA, reproduzindo em quadrinhos o discurso de ódio que podia ser observado na realidade de ambas as partes.

3.3. A exaltação de ídolos nacionais como reflexo do sentimento que permeia um dos países mais fechados do mundo

Nascido na Coreia, em 1924, dominada pelo Império do Japão, Kim Sin-rak foi obrigado a adotar um nome japonês, prática usual da época, sendo rebatizado como Mitsuhiro Momota e emigrando para terras nipônicas. Essa poderia ser a história de inúmeros coreanos que nasceram e sofreram nesse período difícil de seu país, mas esse jovem ganharia imenso destaque ao se tornar um dos homens mais reconhecidos da história do *wrestling*. Alcançando

fama mundial sob a alcunha de Rikidōzan, o nipo-coreano é idolatrado na atual Coreia do Norte e se tornou protagonista de um dos pouquíssimos — senão o único — *manhwa* do país a ser também publicado no exterior, no caso no Japão. Dividida em dois volumes, ilustradas pelas figuras 29 e 30, além da página interna na figura 31, a obra pode ser enquadrada como ficção histórica, uma vez que se trata de uma biografia romanceada (THOMÉ, 2016). O fato de um homem de origem coreana ter alcançado tamanho sucesso em meio aos seus inimigos históricos o tornou um indivíduo a ser venerado, e não foram poucas as vezes que lideranças governamentais o utilizaram como exemplo a ser seguido.

Figuras 29, 30 e 31 - Da direita para a esquerda: capas dos volumes 1 e 2 da série em *manhwa* *World Professional Wrestling King Ryok To San*²⁷ (1995), de Kim Daeg-Won e publicadas originalmente pela *Central Information Agency of Science and Technology*²⁸; e página interna da mesma obra.



Fonte: Capas retiradas da página do *The Institute of Humanities for Unification*; e imagem interna da página *Yorozoo News*.

Adotando uma abordagem diferente, mas ainda assim mantendo o tom de exaltação a ícones da história nacional, são ainda mais frequentes *manhwas* que possuem um arco narrativo remontando a períodos longínquos da cronologia do país. Conforme ilustrado nas figuras 32, 33 e 34, onde são exemplificadas capas de longa coleção *Picture Books of Choson Historical Figures*, voltada a homenagear figuras históricas, sendo que a grande maioria desses indivíduos compõem um passado compartilhado entre as duas Coreias e mais uma vez a recordação positiva desses feitos antiquíssimos evidencia a

simpatia norte-coreana pela reunificação. Para além disso, a rivalidade com os pretensos inimigos da unidade segue alimentada pela presença recorrente de protagonistas que têm seus feitos calcados em vitórias militares contra os vizinhos regionais.

Figuras 32, 33 e 34 - Da esquerda para a direita: capa de *Yi Sun-sin*²⁹ (2005), de Kim Yon-hwa e Chin Yong-hun; capa de *Taejo-yŏng*³⁰ (2012), de Im Ho-song e Chin Yong-hun; e capa de *Tan'gun*³¹ (2010), de Yi, Kwang-il et al. Todos três *manhwas* publicados originalmente na coleção de *Picture Books of Choson Historical Figures*³².



Fonte: Capas retiradas do acervo da *Illinois University Library*.

Considerações finais

Por fim, recorda-se que este trabalho objetivou traçar correlações de influências estética e temática entre os mangás japoneses do início do período das Grandes Guerras e a produção de *manhwas* norte-coreanos ao longo da segunda metade do último século. Na impossibilidade de esgotar o tema, mas sim proporcionando insumos para que futuras pesquisas sejam também desenvolvidas na área, acredita-se ser razoável a alegação de que a ocupação japonesa em território coreano, com sua respectiva sobreposição cultural nada amigável, deu o tom de muito do que seria produzido culturalmente na porção da península, que optou pelo insulamento, após a divisão das Coreias.

Conforme demonstrado pelas numerosas capas e páginas de *manhwas* presentes ao longo do texto, mesmo quando de obras norte-coreanas datadas de poucos anos atrás, ou seja, aquelas mais recentes que puderam

ser obtidas dentro das condições dificultosas de disponibilização de material primário, possuem características de ilustração e acabamento de produção que remetem a um passado cada vez mais distante. Ao passo que essas características certamente dialogam com as dificuldades econômicas enfrentadas pelo pequeno país, em função dos sucessivos embargos a ele empregados pelo sistema internacional, não se pode negligenciar também que cultivar um passado virtuoso e de união da península coreana, parece fazer parte de um contexto intencionado por essa incipiente indústria local.

Outro tema evidenciado pela análise do corpus aqui esmiuçado é a replicação através de histórias em quadrinhos da narrativa de um inimigo estrangeiro comum a toda a península. Conforme as relações políticas bilaterais de alto escalão entre os dois países indicam, há uma simpatia norte-coreana pela reunificação, ainda que haja enorme inflexibilidade quanto aos moldes desse processo. Já na porção sul, o regime democrático acaba proporcionando uma alternância de poder entre grupos políticos antagonistas que tem historicamente gerado falta de continuidade nas negociações. No entanto, ao menos um elemento cultural é significativamente compartilhado entre os dois lados da península: o rancor em relação ao Japão pelo que foi praticado durante o período de ocupação e até hoje gera desconforto diplomático ao país vizinho. Não à toa esses entes estrangeiros às Coreias são os principais vilões de uma cultura de quadrinhos pouco explorada que, por vezes, espelha de maneira inversa produções ocidentais, em termos de estereótipos e propagação ideológica.

Referências

ALVES, Renato. **O reino eremita**: um jornalista brasileiro na Coreia do Norte. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Associadas, 2018.

ANDREOTTI, Bruno. Super-Heroísmo e Fascismo. In: ANDREOTTI, Bruno (Org.). **Super-Heróis e Política**: reflexões históricas, filosóficas e teológicas no gênero superaventura. São Paulo: Criativo, 2021. p. 6-16.

BRAGA JR., Amaro Xavier. **Histórias em Quadrinhos Japonesas**: História, Estética e Impactos Sociais. São Leopoldo: Faculdades EST, 2020.

CALLARI, Victor. A Segunda Guerra Mundial e os quadrinhos em dois tempos: da propaganda política ao direito à memória. In: CALLARI, Victor; RODRIGUES, Márcio dos Santos (Orgs.). **História e quadrinhos**: contribuições ao ensino e à pesquisa. Belo Horizonte: Letramento, 2021. p. 93-120.

CAMPOS, Rogério de. **HQ**: uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações. São Paulo: Veneta, 2022.

CHINEN, Nobuyoshi. **Linguagem mangá**: conceitos básicos. São Paulo: Criativo, 2013.

CUMMINGS, Bruce. **North Korea**: Another Country. Nova York: The New Press, 2003.

CUMMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun**: a Modern History. Updated Edition. Nova York: W. W. Norton & Company, 2005.

CUMMINGS, Bruce. **The Korean War**: a History. Nova York: Modern Library, 2010.

DO ESPÍRITO SANTO, Janaina de Paula. Cultura Histórica e quadrinhos: um estudo de mangás sobre a segunda guerra mundial. In: **XV Encontro Regional de História da UFPR**, 2016, Curitiba. Anais Eletrônicos 100 anos da guerra do Contestado: historiografia, acervos e fontes. Curitiba: ANPUH-PR, 2016.

Disponível em:

http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468183152_ARQ_UIVO_ANPUHPR.pdf. Acesso em: 21 dez. 2022.

EOM, Jeong-hui; KO, Im-hong. **아음파의 비밀** (The Frequency of A). Pyongyang: 금성 청년 출판사 (Kumsong Youth Publishing Company), 1994.

FENKL, Heinz Insu. Inside North Korea. **Azalea: Journal of Korean Literature & Culture**, v. 2, n. 1, p. 73-76, 2008.

FIFIELD, Anna. **O grande sucessor**: o destino divinamente perfeito do brilhante camarada Kim Jong-un. Trad. Samantha Batista. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020.

GRAVETT, Paul. **Mangá**: como o Japão reinventou os quadrinhos. Trad. Ederli Fortunato. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

GRAVETT, Paul. **Mangasia**: The Definitive Guide to Asian Comics. Londres: Thames & Hudson, 2017.

HARRIS, Mark Edward. **Inside North Korea**. San Francisco: Chronicle Books, 2007.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, José Manuel Duarte de. **Coreia do Norte**: a última dinastia Kim. Lisboa: Edições 70, 2018.

KOYAMA-RICHARD, Brigitte. **Mil anos de mangá**. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação Liberdade, 2022.

LEE, Ing. **Inferno em HQ**: "mulheres de conforto" e escravidão sexual. Livraria Megafauna, 2020. Disponível em:
<https://www.livrariamegafauna.com.br/temporada-no-inferno/grama/>.
Acesso em: 21 dez. 2022.

LENT, John A. The Comics Debates Internationally. In: HEER, Jeet; WORCESTER, Kent (Orgs.). **A Comics Studies Reader**. Jackson: University Press of Mississippi, 2009. p. 69-76.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá**: o poder dos quadrinhos japoneses. São Paulo: Hedra, 2011.

MARQUES, Edmilson. **Histórias em quadrinhos**: valores e luta cultural. Curitiba: Appris, 2018.

MASON, Colin. **Uma breve história da Ásia**. Trad. Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.

MASON, Richard; CAIGER, John Godwin. **History of Japan**: Revised Edition. North Clarendon: Tuttle Publishing, 1997.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos**: História moderna de uma arte global. Trad. Marilena Moraes. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás**. São Paulo: Editora JBC, 2004.

MOREAU, Diego; MACHADO, Luluña. **História dos Quadrinhos**: EUA. São José: Skript, 2020.

PEIXOTO, Sérgio. **400 imagens**: mangá do começo ao fim. São Paulo: Discovery Publicações, 2021.

PETERSEN, Martin. **North Korean Graphic Novels**: Seduction of the Innocent? Londres: Routledge, 2018.

POWER, Natsu Onoda. **God of comics**: Osamu Tezuka and the creation of post-World War II manga. Jackson: University Press of Mississippi, 2009.

SANTORO, Maurício. **Ditaduras Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aspectos da linguagem, da narrativa e da estética das histórias em quadrinhos: convenções e rupturas. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (Orgs.). **A linguagem dos quadrinhos**: estudos de estética, linguística e semiótica. São Paulo: Criativo, 2015. p. 22-47.

THOMÉ, Luciano. Os quadrinhos históricos em perspectiva. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobuyoshi (Orgs.). **Enquadrando o real**: ensaios sobre quadrinhos (auto)biográficos, históricos e jornalísticos. São Paulo: Criativo, 2016. p. 150-169.

UNZER, Emiliano. **História da Ásia**. Columbia & San Bernadino: Amazon, 2021.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MELCHIONNA, Helena Hoppen. **A Revolução Coreana**: o desconhecido socialismo Zuche. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

YOO, Theodore Jun. **The KoreasNE**: The Birth of Two Nations Divided. Oakland: University of California Press, 2020.

ZWETSLOOT, Jacco. **North Korean Comics and their Visual Language in the Work of Ch'oe Hyok**. Dissertação (Mestrado em Estudos Asiáticos) — Leiden University, Leiden, 2015.

NOTAS

- ¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) como bolsista CAPES. Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas pelo CEFET/RJ, com período sanduíche na Université de Lille. Pesquisador do Núcleo de Estudos Atores e Agendas de Política Externa (NEAAPE/IESP) e sócio efetivo da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). fvidal804@gmail.com
- ² O termo *manhwa* (만화) é utilizado em toda a península coreana para se referir às histórias em quadrinhos como um todo. No entanto, assim como a palavra japonesa mangá (漫画), passou a ser utilizada no exterior para se referir às obras provenientes daquele país. Ambos os termos advêm do chinês *manhua* (漫畫), que surgiu no século XVIII para descrever pinturas mais “descompromissadas” e com traços incertos.
- ³ Transliteração do original 講談社.
- ⁴ Transliteração do original のらくろ
- ⁵ Transliteração do original 冒険ダン吉.
- ⁶ Originalmente utilizado para se referir à página homônima voltada para publicação de histórias em quadrinhos digitais sul-coreanas, o termo *webtoon* (웹툰) acabou passando a abranger toda produção de *manhwa* publicado online ao sul da península coreana e tem se tornado uma mídia cada vez mais rentável.
- ⁷ O termo “mulheres de conforto” (위안부) se trata de um eufemismo utilizado pelo Exército Imperial Japonês para se referir a mulheres que eram forçadas pelo mesmo a servir em regime de escravidão sexual durante as ocupações territoriais da Segunda Guerra Mundial, conforme descreve a quadrinista coreano-brasileira Ing Lee (2020). A questão representa até hoje um imbróglio diplomático entre os países asiáticos e nunca houve acordo acerca de uma retratação oficial.
- ⁸ Tradução livre do original 조선의 력사.
- ⁹ Tradução livre do original 조선의 력사.
- ¹⁰ Tradução livre do original 아음파의 비밀.
- ¹¹ Tradução livre do original 금성 청년 출판사.
- ¹² Especialista em literatura e arte coreanas, o Prof. Dr. Heinz Insu Fenkl desenvolveu também interesse pioneiro pelo estudo das histórias em quadrinhos norte-coreanas ao adquirir exemplares dessas obras durante viagem à China. Desde então, o professor da *State University of New York* tem disponibilizado, em sua página pessoal, trechos de *manhwas* traduzidos ao inglês e análises críticas dos mesmos.
- ¹³ “*Splendid! You’ve fought well as exemplary youths of Chosun who follow the philosophy of Juche*”.
- ¹⁴ Tradução livre do original "7호구역"에서의 3일간.
- ¹⁵ Tradução livre do original "백호"의 정체.
- ¹⁶ Tradução livre do original 열대림의 눈보라.
- ¹⁷ Tradução livre do original 비사성의 전설.
- ¹⁸ Tradução livre do original 긴급 전문.
- ¹⁹ Tradução livre do original 고요한 전조선.
- ²⁰ Tradução livre do original 대장이 된 역센날개.
- ²¹ Tradução livre do original 보검과 세 장수.
- ²² Tradução livre do original 말 안듣던 청개구리.
- ²³ Tradução livre do original 도적을 잡은 소년.



- 24 Tradução livre do original 조선 민화 그림책.
- 25 Tradução livre do original 패전 "장군" 과 하루살이.
- 26 Tradução livre do original 문학 예술 출판사.
- 27 Tradução livre do original 세계프로레싱 왕자 력도산.
- 28 Tradução livre do original 중앙과학기술통보사.
- 29 Transliteração do original 리순신.
- 30 Transliteração do original 대조영.
- 31 Transliteração do original 단군.
- 32 Tradução livre do original 조선 력사 인물 이야기 그림책.